

# " A Visão de Mundo Cristã II "

Resumo descritivo - (Parte VII págs. 126-139)

Do livro: A Epopéia do Pensamento Ocidental - de Richard Tarnas

*Por Samara Elizabeth*

## A conversão da Mente Pagã

O período helenístico estendeu sua influência à cultura judaica devido à ampla dispersão de suas comunidades no Império Mediterrâneo, influência esta que se refletirá mais tarde em sua literatura religiosa e também na filosofia platônica de Fílon. Entretanto, com a missão de Paulo em expandir o Evangelho além dos confins do judaísmo haverá a transformação radical da contribuição helênica à **visão de mundo cristã**. Assim, a ciência, a epistemologia, a metafísica, as atitudes dos gregos em relação ao mito, à religião, à filosofia e à realização pessoal, tomarão outro significado.

**Agostinho** concordará com **Platão** no que se refere às Idéias como formas estáveis e imutáveis de todas as coisas, contudo ele mostra que Platão não tem uma boa doutrina da criação para explicar a participação especial das Idéias. (O Criador de Platão não era um ser supremo onipotente, pois o mundo caótico do vir a ser a que ele impôs as Idéias já existia, assim como as próprias Idéias). Para Agostinho as Idéias eram identificadas como a expressão coletiva da Palavra de Deus e considerava todos os arquétipos contidos no ser de Cristo como sua expressão. Ou seja, a ênfase estava mais em Deus e em sua criação do que nas Idéias e em sua imitação concreta. Assim o platonismo subordinava-se à cristandade.

**Platão** baseou todo o conhecimento humano em duas fontes possíveis: a primeira, derivada da experiência, que não é confiável, a segunda, que vinha da percepção direta das Idéias eternas, cujo conhecimento é inato, porém esquecido, exigindo a recordação e sendo a única fonte do conhecimento correto. Agostinho concordava com esta proposição, afirmando que o homem não pode fazer nenhuma idéia surgir em sua mente sem estar iluminada por Deus, sendo Deus o único mestre legítimo da alma interior. Ele ainda acrescentava a revelação divina como outra fonte para o conhecimento humano, o que era conferida ao homem pela vinda de Cristo. Isso, estava revelado nos testamentos bíblicos e era ensinado pela tradição da Igreja, completando a filosofia platônica assim como completava a Lei judaica, ambas preparações para a nova ordem.

Assim, a cristandade reduzia o significado metafísico das Idéias platônicas, já que um relacionamento direto com Deus, baseado no amor e na fé era mais importante do que um encontro intelectual com as Idéias.

É interessante observar o fato de a revelação bíblica ter proporcionado uma realidade mais acessível, mais prontamente apreensível para o conjunto dos fiéis cristãos do que quaisquer argumentos filosóficos em relação às Idéias platônicas.

Muitos arquétipos e paralelos foram estabelecidos em muitas doutrinas da religião cristã, em geral o espírito antigo e medieval se dispunham a pensar em termos de

tipos, símbolos e universais e o platonismo oferecia o quadro de referências mais sofisticado filosoficamente para se compreender esse modo de pensar.

As divindades pagãs eram vistas como forças reais, ainda que seres demoníacos menores, e terminaram sendo totalmente rejeitadas, assim como os velhos rituais e mistérios, e passaram a ser consideradas falsos deuses, ídolos múltiplos da fantasia pagã. Acreditar neles era uma bobagem e uma heresia perigosa.

Eram os homens – e não animais ou plantas – os verdadeiros mensageiros da comunicação divina, escolhidos como profetas de Deus. O verdadeiro regente universal era o supremamente justo **Deus judaico-cristão** e não o instável Zeus helênico. A verdadeira divindade salvadora era o Cristo histórico e não os mitológicos Dionísio, Orfeu ou Deméter. Clemente descreveu o período final do mundo greco-romano pagão como semelhante ao velho vidente Tirésias – velho, sábio, mas cego e às portas da morte – e exortava ao desprendimento de sua vida decadente, ao abandono dos velhos festins e adivinhações do paganismo e à iniciação no novo mistério de Cristo.

Assim os velhos deuses morreram e foi revelado e glorificado o único e verdadeiro Deus cristão. No entanto, a conversão do paganismo ocorreu de modo mais sutil, pois quando o mundo helênico adotou a cristandade, muitos aspectos essenciais das religiões de mistério pagãs passaram a encontrar uma boa expressão no **cristianismo**: crença numa divindade salvadora cuja morte e renascimento trouxeram imortalidade para o homem, os temas da iluminação e regeneração, o período preparatório antes da iniciação, entre outros.

Por ser a cristandade proclamada como a única fonte de salvação é que foi possível o seu triunfo no final do mundo clássico. Somente com ela foram transformadas em novas certezas as ansiedades do período helênico, com seu conflituoso pluralismo religioso e filosófico e suas grandes cidades, cheias de gente e sem raízes e sem posses. Enfim, a cristandade oferecia à Humanidade um lar universal, uma comunidade permanente e um estilo de vida claramente definido – com garantia bíblica e institucional.

Em muitos pontos do contexto cristão é possível perceber analogias com as divindades pagãs e os deuses clássicos, e entendê-las como uma adaptação e apropriação. Mas seria possível pensar que ambos os contextos, cristão e pagão, tenham co-existido? Que ambas concepções – ao menos, suas raízes - tenham surgido ao mesmo tempo, mas, como em espaços diferentes, tenham se desconhecido?

E que talvez a tendência de supor a assimilação de elementos pagãos pelo cristianismo, deva-se a seu estabelecimento, como corrente de pensamento, posterior ao do pensamento pagão?

Isso tudo, sem esquecer das posteriores adequações e alterações feitas pela Igreja Católica, como por exemplo a adoção de culto aos santos.

Apesar da **influência do platonismo** e da intelectualidade de Agostinho, a interpretação cristã da verdade era substancialmente diferente da dos filósofos clássicos. Para os cristãos, a intelectualidade por si só não bastava para apreender a verdade cósmica como fora suficiente para muitos filósofos gregos como Aristóteles.

Ao contrário, o papel central era o da fé – a alma adotava espontânea e livremente a

verdade revelada de Cristo. Por isso, a fé era o primeiro meio para compreender-se o profundo significado de tudo; a Razão ocupava um distante segundo lugar. Para Agostinho, a sua conversão foi uma superação de sofisticadas pretensões intelectuais e uma humilde adoção da fé cristã. Foi através da leitura das cartas de Paulo que despertou-se nele o conhecimento espiritualmente libertador; sua estratégia para obter a verdade era : “Tenho a fé, para compreender.”

No contexto da nova ordem, a singela fé de uma criança era superior à complicada argumentação de um intelectual sofisticado, ou seja, a preocupação da alma com seu destino espiritual era bem mais significativa do que a preocupação do intelecto com o pensamento conceptual ou estudo empírico.

Assim, com a ascensão do Cristianismo, o já decadente estado da ciência no final da era romana recebia menos estímulo para novas descobertas, especialmente o estudo da Astronomia, que era associado à Astrologia e à religião cósmica do período helenista.

\*\*

**Paulo e Agostinho** testemunharam o poder avassalador e a supremacia da vontade de Deus. Ambos tiveram suas conversões religiosas em momentos cruciais de suas vidas, vigorosamente impelidos pela intervenção da graça divina. Sob a luz dessas experiências, toda a atividade meramente humana, parecia agora secundária e supérflua, a menos que levasse a uma ação plenamente voltada para Deus, a fonte exclusiva de todo o Bem e da Salvação do Homem.

Deus estendera sua mão e apresentara para todos os tempos e toda a Humanidade o infinito amor que tinha por suas criaturas. Esta era a base para uma vida nova, fundamentada na experiência do amor de Deus, cuja universalidade criou uma nova comunidade entre a espécie humana.

Ao contrário dos helenos, que enfatizavam os grandes heróis e os filósofos excepcionais, a cristandade universalizava a salvação, reafirmando estar ela acessível a escravos e reis, às almas simples e aos pensadores profundos, aos feios e aos bonitos, aos doentes e sofredores, aos fortes e felizes, e tendia a inverter as hierarquias existentes.

A cristandade oferecia uma solução completamente elaborada para o dilema do ser humano, ao contrário da perplexidade metafísica dos séculos anteriores. **As ambigüidades e confusões de uma busca filosófica particular foram substituídas por uma cosmologia absolutamente certa e um sistema de salvação institucionalmente ritualizado e acessível a todos.**

Havia apenas um Deus e uma Providência, somente uma religião verdadeira, um plano de salvação para o mundo inteiro. E assim, o pluralismo da cultura clássica deu lugar a um sistema monolítico: um Deus, uma Igreja, uma Verdade.